

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas 101 canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como

EMOÇÕES, ROBERTO E ERASMO CARLOS, 1981

Lançada em 1981, como uma das faixas do álbum “Ele está para chegar”, Emoções contagiou imediatamente o público e se tornou um dos maiores sucessos de Roberto Carlos. Além de batizar o show, que estreou naquele mesmo ano no Canecão, a música, mais uma da inesgotável parceria com Erasmo Carlos, virou o prefixo de abertura de todas as apresentações de Roberto desde então.

Com 40 anos na época, o Roberto celebrava a maturidade artística e a sua paixão pelos standards. Com suas big bands e os fabulosos crooners, o estilo imperou nos Estados Unidos até o surgimento devastador do rock and roll nos anos 1950. A letra romântica de Emoções, é um balanço autobiográfico de quem viveu tantas emoções, entre lágrimas, risos e a fé que faz de Roberto um otimista em qualquer tempo.

A grande inspiração para a música e seu arranjo vieram da gravação de “New York, New York”, lançada por Frank Sinatra em 1980. Com frases de metais que dialogam com a introdução do clássico americano, o impactante arranjo de Emoções foi escrito pelo maestro americano Tore Zito.

Talvez pela letra tão identificada com Roberto, raros intérpretes ousaram gravar a música, que ganhou diversas releituras do próprio autor. São variações do mesmo tema que virou marca registrada do Rei. Emoções já deu nome ao avião que o cantor percorreu o Brasil na sua turnê de 1982, a um perfume e uma coleção de joias lançados entre 2008 e 2009 e a uma empresa imobiliária aberta em 2014. Desde 2005, a cada verão, Roberto sai em cruzeiro musical oferecendo “Emoções em alto mar”.

NELSON (V) Entre surfistas e zen-budistas, um bolero havaiano homenageia Vinicius de Moraes, contagia os corações e consagra um novo ídolo pop.

COMO UMA ONDA, LULU SANTOS E NELSON MOTTA, 1982

Lulu Santos ainda era Luiz Maurício quando iniciou sua carreira solo depois do single lançado pelo grupo de rock progressivo, Vímana, ao lado de Ritchie, Lobão, Luís Paulo Simas e Fernando Gama. Passou em branco tanto solo quanto bem acompanhado. Lulu já tinha trabalhado comigo no musical Feiticeira, estrelado por Marília Pêra, em 1976 mas só em 1980 nos reencontramos para iniciar uma parceria de muitos sucessos.

Comecei como letrista na era dos festivais, com 21 anos, vencendo, em parceria com Dori Caymmi, o primeiro Festival Internacional da Canção com "Saveiros". Também levamos "O cantador" às finais do histórico festival de 1967. Depois do AI-5, parei de compor, só voltando em 1977, com o rock provocativo "Perigosa", em parceria com Rita Lee e Roberto de Carvalho e sucesso nacional com as Frenéticas.

Em 1982, eu apresentava um talk-show diário na TV Record-Rio ao lado da minha grande amiga Scarlet Moon, recém-casada com Lulu, e foi ela que nos estimulou a compor juntos. Começamos com o rock "Tesouros da juventude" e emplacamos o primeiro hit com o surf-rock "De repente Califórnia" do filme Menino do Rio, de Antonio Calmon, um espetacular sucesso de bilheteria.

"Como uma onda" foi feita para outro longa de Calmon, "Garota dourada", que pretendia surfar na onda do Menino do Rio, mas fracassou. E a produção se arrastou tanto, que, quando o filme foi lançado, a música já era um grande sucesso.

Apesar da ligação com o rock, Lulu me surpreendeu com um bolero, original e moderno, com referências à música havaiana, um belo bolero pop. Fiz a letra inspirado no verso "a vida vem em ondas como o mar", de Vinicius de Moraes, no poema Dia da criação. Para a letra não soar meio pretenciosa, acrescentei o subtítulo irônico do "zen-surfismo", que sintetiza a mistura de leituras de Jorge Luis Borges, de filosofia zen-budista e da Bíblia, com a maresia hedonista dos personagens do filme.

Na certeza de que tristezas e alegrias são passageiras que sempre voltam, como no eterno retorno do filósofo grego Heráclito, a música tocou o

coração do público. Tanto como celebração da permanente mutação da vida quanto como consolo para as dores do mundo.

NM (V) Ao contrário que recomenda o zen-surfismo, Roberto Carlos estava ferido, descrente do caráter passageiro da dor de uma desilusão. Com os sonhos rasgados, decidiu que não iria mudar. Sucesso outra vez.

FERA FERIDA, ROBERTO CARLOS E ERASMO CARLOS, 1982

Quando a música era um produto raro e a indústria do disco ainda não tinha sido compactada pelos arquivos digitais, as famílias se reuniam em torno do calendário de Roberto Carlos. Cada lançamento anual, era o aviso que o Natal tinha chegado. No de 1982, a mensagem da dupla Roberto e Erasmo entrou nos lares brasileiros com o rugido de uma “Fera ferida”.

Logo incorporada a sua longa lista de clássicos, a música usa imagens fortes e referências aos instintos animais para transmitir o desespero de um caso sem solução. Com tantos sentimentos expostos com crueza e lirismo, envoltos numa bela melodia romântica, mas cheia de tensões, logo foi considerada uma das composições mais perfeitas da dupla.

“Fera ferida” fez um sucesso animal, e não só com Roberto. Também ganhou bela versão de Caetano Veloso, renovada pelo arranjo pop de Lincoln Olivetti. Seis anos depois, foi uma das músicas mais marcantes do disco “As canções que você fez pra mim”, que Maria Bethânia gravou inteiramente dedicado a Roberto e que bateu recordes de vendagem. Costurada por belo arranjo de cordas, romântica e classuda, a gravação, produzida por Guto Graça Melo, virou tema da novela com o mesmo nome, que foi ao ar entre 1993 e 94.

NELSON (V) Nos anos de chumbo, se dizer feliz era quase proibido, mas com o fim da ditadura, um dos autores que mais a provocou e teve mais de 80 músicas censuradas, exaltou a liberdade e a felicidade com um samba-enredo empolgante.

O QUE É, O QUE É?, GONZAGUINHA, 1982

Motivos para mágoa e revolta nunca faltaram para Gonzaguinha. Dos conflitos com o pai, Luiz Gonzaga, ao início da carreira, sob o período tenebroso da ditadura, foram muitas as pedras no caminho. Além do apelido de cantor rancor, colecionou problemas com a censura ao longo dos anos de sua militância político-musical. Mas, adoçado pela paternidade, no fim dos anos 1970, se reinventou, trocando as certezas ideológicas pela beleza de ser um eterno aprendiz. Apesar de todas as dores, injustiças e horrores, respondeu às suas questões cantando que a vida era bonita e podia ainda ser bem melhor.

Faixa de abertura de seu décimo primeiro álbum solo, “O que é, o que é?” aponta para o sentido que o artista daria à sua vida dali pra frente. Nos estertores da ditadura, cada um seria cada vez mais livre para compor e falar o que quisesse. Por seu estilo festivo e linguagem popular, a música foi até classificada como um samba-exaltação de protesto, mas atravessou o tempo como uma mensagem de fé e esperança, nas vozes de Simone, Bethânia, Beth Carvalho e Zé Ramalho.

Gonzaguinha já não cabia nos rótulos e nas patrulhas da resistência. Era um compositor maior, disputado pelos grandes intérpretes e pacificado com ele mesmo. De bem com a vida, morreu aos 45 anos, em um acidente de carro, no auge de seu prestígio e popularidade, deixando um legado de grandes canções que estão constantemente sendo regravadas.

NELSON (V) Em algum lugar entre o jazz, o samba, a MPB, os ritmos nordestinos e os boleros, seu estilo musical é único e difícil de definir, e suas letras personalíssimas se guiam mais pela sonoridade do que pelo significado das palavras, criando uma linguagem poética pessoal e intransferível.

SINA, DJAVAN, 1982

Bastam algumas notas e acordes para se identificar uma música de Djavan. Um dos melhores e mais originais estilistas da MPB, desenvolveu seus dons com bandas de baile em Maceió, e depois, como crooner nos melhores pianos-bares da Zona Sul do Rio, onde conviveu intensamente com grandes músicos, desenvolvendo uma linguagem musical em que a MPB, o jazz e as raízes nordestinas criam uma nova harmonia.

Mas, seu estilo vai além de melodias e harmonias sofisticadas e do seu canto doce e suingado. A começar pelo nome, as letras de Djavan são únicas, cheias de imagens audaciosas, formadas por um vocabulário em que a sonoridade pode ser o próprio significado da palavra. Nelas, a sequência de sílabas se harmoniza com a cadência do ritmo, rompendo com a tradição literária em favor de uma poética sonora em que forma e conteúdo convergem para novos significados.

Lançada em 1982, “Sina” é uma das mais completas traduções do seu estilo que toca ao sentimento antes de ser compreendido pela razão. Segundo o autor, a canção é o relato, djavaneado, de uma relação impossível, uma conquista frustrada, que gera saudades de um amor que nunca existiu.

Ofuscada por outros grandes sucessos do álbum Luz, que consagrou Djavan como estrela de primeira grandeza da música brasileira, a canção teve que cumprir sua sina. Antes de se tornar um clássico nos shows de Djavan, ficou adormecida nos primeiros tempos, mesmo que ainda em 1982, tenha sido regravada por Caetano Veloso no disco Cores Nomes. Homenageado na versão original, com o neologismo “caetanear”, o baiano retribuiu o carinho com a expressão “djavanear”. A sina da canção era ser um clássico da MPB.

NELSON (V) No ambiente de um circo, escrita para um balé inspirado em um poema de Jorge de Lima, a beleza da bailarina inspira paixões e uma das mais lindas e emocionantes canções da música brasileira.

BEATRIZ, EDU LOBO E CHICO BUARQUE, 1983

Assim que foi lançada em 1983, na trilha sonora do balé O Grande Circo Místico, “Beatriz” virou a favorita entre os admiradores de Edu Lobo, ganhando lugar de honra de em qualquer lista das mais belas canções brasileiras. Encomendada pelo balé do Teatro Guaíra, de Curitiba, a lírica descrição da vida e dos mistérios de uma atriz está entre as preciosidades compostas por Edu em parceria com Chico Buarque.

Revelados e consagrados sob o calor competitivo dos grandes festivais, Edu e Chico nunca deixaram as disputas minarem a amizade que evoluiu para uma parceria perfeita. Depois de Beatriz, em meio às carreiras

individuais, voltaram a compor juntos para os musicais de teatro O Corsário do rei, Dança da meia lua e Cambaio.

A partir de um enredo inspirado num poema do alagoano Jorge de Lima, eles criaram a trilha sonora com música circense, blues, baladas, canções e valsas, como a delicada Beatriz. Pela surpresa e dificuldades de sua linha melódica e pelas intensas emoções de sua linda letra, Beatriz é uma prova de fogo para qualquer intérprete. Mas não poderia encontrar ninguém melhor para lança-la.

No disco com a trilha original, de 1983, Milton Nascimento imprimiu uma versão definitiva e insuperável do clássico: só a voz de Milton, o piano de Cristóvão Bastos e o deslumbrante arranjo de cordas de Chiquinho de Moraes. Mas, muitas outras versões vieram, nas vozes de Zizi Possi, Mônica Salmaso, Ed Motta e Ana Carolina, todas à altura da beleza arrebatadora de Beatriz.

NELSON (V) Na ópera nacional, o coro dos estudantes anunciava uma nova aurora a cada dia. Depois de muitos desencontros no caminho, a reunião de muitas vozes tinha a extensão de um canto forte e sofrido que emocionou o país como trilha sonora da perda de um símbolo da democracia.

CORAÇÃO DE ESTUDANTE, WAGNER TISO E MILTON NASCIMENTO, 1983

Na maioria de suas parcerias, Milton Nascimento quase sempre assina a melodia, são raras suas letras para canções de outros compositores. Milton escreveu a letra de “Coração de estudante” a partir de um tema instrumental, criado por Wagner Tiso, em 1983, para o documentário Jango, de Sílvio Tendler.

Depois de assistir ao filme numa sessão para convidados, com a triste melodia rodando na cabeça, emocionado com a história do presidente deposto pelo golpe de 64, Milton escreveu a letra coloquial e lírica e criou sem querer um hino político que tem servido para muitas causas.

Foi adotado tanto na campanha pelas Diretas Já, em 1984, quanto no ano seguinte, como tema da agonia e morte de Tancredo Neves, cantado pelas multidões ao longo de todo cortejo fúnebre. Nos momentos de dor e de

esperança, a canção atravessa os tempos como uma ode à generosidade da juventude e prova de fé no ser humano.

Nascido em Três Pontas, o mineiro Wagner Tiso é amigo e companheiro musical de Milton desde a adolescência, seguiram juntos pelos bailes da vida, indo onde o povo estava, até a consagração de Milton com Travessia no festival de 1967.

ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. No próximo episódio, Com o fim da ditadura, sai de cena o verde-oliva e entram o amarelo limão e o rosa fluorescente anunciavam a explosão do rock brasileiro e a trilha sonora dos anos 80.